

Ao se concentrar no seu despojamento como pastor, a felicidade o encontrava todos os dias e o fazia feliz. Seu despojamento para com as ovelhas era sua **Mirra**. Lembrou-se também de alguns amigos que seguiam *à risca* as regras religiosas judaicas, procurando barganhar com Deus. Tornaram-se tão viciados nas atividades eclesiais, que não conseguiam sentir-se livres da culpa, quando não logravam seguir uma única das inúmeras leis que estruturavam seu dia a dia. Pensou que não era igual a eles; tomou consciência de que ao agradecer pelo suficiente que tinha e era, a paz o encontrava e o abençoava, mesmo nos momentos das *vacas-magras*. Seu serviço ao seu rebanho era seu **Incenso!** Descobriu-se uma pessoa rica, tão rica quantos os sábios, ali ao redor da fogueira crepitante. Tomou consciência de que não ocorrera apenas “um” nascimento naquela noite; ele também nascera. Levantou-se, dirigiu-se para a estrebaria, inclinou-se e rendeu honras ao pequeno infante adormecido e acalentado no colo da mãe.

Em seu íntimo, sabia que nunca mais seria o mesmo. Resolveu naquele momento entregar sua vida àquele que seria o Maior Rei de todos os Reinos. Iria aonde quer que fosse. Seria seu mais fiel seguidor. Curvado sobre si, disse num sussurro: “Obrigado Menino Jesus, por me libertar sendo ainda uma criança de colo. Obrigado pelas 13 ovelhas e as duas cabritas; obrigado pelas noites frias e solitárias; pela alegria e tristeza; obrigado, pelos Magos que Tu enviaste; obrigado por que estava perdido, e agora me descobri seu servo, para sempre. Obrigado pela Paz de Espírito que agora estou sentindo, paz gratuita e maravilhosa. Amém!” Depois voltou à fogueira, sentou-se e, ao mirar os sábios, percebeu que cada um carregava um sorriso cúmplice nos lábios. Sorriu de volta, pois se sentia outro homem; não tinha mais medo algum. Havia renascido, sentindo que agora era parte de um corpo maior, do qual os Três Reis Magos já partilhavam há muito tempo.

Para finalizar, pergunto: “Quem vocês acham que acompanhou o casal José e Maria, e o menino Jesus, até as terras distantes do Egito, se dispondo a ajudá-los nas dificuldades da jornada e se alegrando com os sucessos da mesma?” Amém.

Mensagem: Os Três Reis Magos e Seus Presentes! **Mateus 2.1-23**

Ele era um pastor. Cuidava de ovelhas. Trabalhava nos arredores de Belém. Tinha 13 ovelhas, duas cabritas. Desde criança trabalhara como pastor. Mas aqueles dias tinham sido diferente de todos. Primeiro uma luz brilhou tão forte sobre o descampado que se podia ver nitidamente os morros mais distantes. Depois um casal chegou para passarem a noite na estrebaria onde dormiam seus animais. Para piorar, a mulher estava grávida e acabou dando a luz bem naquela noite, ali no meio da estrebaria. Então uns seres angelicais que nunca vira, apareceram e começaram a cantar bem alto. O pastor saiu bem depressa, com medo de que algo acontecesse com ele. Correu para Belém e começou a divulgar os acontecimentos da noite.

Neste momento uns homens estranhos, com roupas brilhantes e chiques, montados em camelos se achegaram, ao ouvi-lo falar sobre nascimento, luz e anjos. Perguntaram se o pobre pastor poderia guiá-los até o local. O pastor estava com medo, mas eles pareciam querer pagar bem pela ajuda. Resolveu ajudá-los. Guiou-os até a estrebaria, não mais que uns três quilômetros. Durante a caminhada, ouviu dos três uma história fantástica. Havia contado que eram do oriente distante, das terras dos zigurates, dos jardins suspensos e da terra dos astrônomos mais renomados no mundo antigo. Eram ricos e sábios; disseram até que tinham passado pela capital, Jerusalém, e tido uma audiência com o próprio Herodes, o Rei dos Judeus.

Perguntou-os por que não permaneceram na Capital, junto ao Rei, já que eram do mesmo status e onde também encontrariam com certeza toda comodidade que mereciam. Ali no deserto não havia ninguém importante, nem condições propícias para passarem a noite. Os magos responderam que o pastor se enganava. Disseram que um Rei havia nascido naquela noite, bem ali no meio do nada. Esclareceram que o Rei Herodes não era uma pessoa sábia, mas um estulto, o qual não merecia ser reverenciado pelos magos do oriente. O único Rei ali, disseram, era aquele que



acabara de nascer. O pastor ficou calado e resolveu não questioná-los mais. Eram estranhos e pareciam não fazer muito sentido.

Ao chegarem ao local, os magos se dirigiram à estrebaria e imediatamente se inclinaram, reverenciando o Rei nascido. Depois apresentaram-no com Ouro, Mirra e Incenso. Os pais agradeceram e passaram a conversar sobre o nascimento do filho, ali na estrebaria, da luz brilhante no céu e dos anjos e seus cantos. Os magos absorviam cada informação, pois eram estudiosos dos céus. Depois deixaram o casal e o Rei Jesus, este era o nome, segundo a mãe, e se dirigiram para uma fogueira onde se encontrava o nosso pastor amedrontado. Ficaram os quatro ao redor do fogo, se aquecendo na noite fria.

Curioso com os presentes, o pastor inquireu sobre os mesmos. Disse que eram muito ricos e alguns até desnecessários para se dar a um recém nascido. Então o Mago chamado Belchior explicou ao pobre e bom pastor que o **Ouro** representava os “bens materiais” de que todos nós precisamos para viver dignamente. Com certeza, Jesus e seus pais precisariam do ouro, pelo que ouvira em Jerusalém. Lembrou de que uns anjos os haviam dito que o rei dos judeus, Herodes, estava decidido a matar todas as crianças abaixo de dois anos, procurando assim eliminar o Rei concorrente. O Mago chamado Baltasar explicou que dera **Mirra**, pois a planta representava a “saúde física e emocional”, o que todas as pessoas necessitam para se viver bem. Se o casal e o pequeno Rei recém nascido precisassem fazer uma longa viagem, então teriam que estar em forma e com boa disposição. O Mago chamado Gaspar complementou dizendo que dera **Incenso**, pois representava a “dimensão espiritual”, da qual cada ser humano obtinha sua paz de espírito, mesmo nos reveses da vida. Que melhor presente do que este?

Então **Belchior** tomou a palavra novamente e disse olhando bem nos olhos do pastor: “Estes três presentes bastam para um ser humano. Mas desde que sejam usados sabiamente!” *Sabiamente*, perguntou o pastor curioso. **Baltasar** sentenciou: “Quando usamos os bens materiais, nossa saúde e nossa espiritualidade como **meio** para ajudar os outros, então se está agindo sabiamente!” *Como mei-*

o, perguntou um pouco perdido o pastor. **Gaspar** exemplificou: “Por exemplo, Herodes usa seu status, sua riqueza, seu poder, para obter mais riqueza e poder para si. Não os usa para o benefício do povo, que é o que devia fazer como autoridade política. Ele usa sua riqueza não como um meio, mas como um fim em si mesmo!”

Belchior percebendo que o pobre pastor estava mais confuso, complementou: “Tudo o que temos e tudo o que somos só serve se dispomos aos outros. Quando nos agarramos e não repassamos o que temos e o que somos, então passamos a morrer.”

Baltazar arremedou: “Veja nós, por exemplo, somos ricos, mas não nos consideramos donos de nossa riqueza; por causa, disso, é fácil nos dispormos dela, oferecendo-a a Jesus, pois agora é ele e seus pais que precisarão do **Ouro!**” **Gaspar** também quis contribuir com a explicação e disse: “Nosso status não nos pertence; é fruto do nosso despojamento em ajudar a humanidade mediante nosso trabalho como astrônomos, prenunciando coisas importantes, assim como o nascimento deste menino Deus, logo ali na estrebaria! Se vivêssemos somente do status, então acabaríamos perdendo tudo, até mesmo o próprio status. O que temos e somos vem como conseqüência de nossas ações em prol do crescimento do Reino de amor e justiça. Reino do qual, acreditamos, esta pequena criança ali será o Rei Supremo!”

Com estas explicações os Magos perceberam que o bom pastor havia entendido e se silenciaram, apreciando a noite maravilhosa sobre eles, admirados pela estrela brilhante que os guiara até aquele local sagrado! O pastor acobardado ficou a pensar nas palavras sábias dos Magos do Oriente. Pensou nas ovelhas e como se dedicava a elas. Eram o seu **ouro**. Lembrou-se de que sua vida era boa, a despeito de não ter muitas poses. Lembrou-se dos amigos que gastavam tudo em farras e festas, apegados ao sentimento de êxtase que estes fugazes momentos lhes proporcionavam. Agora entendia por que não fazia questão de correr atrás da felicidade; por que se o fizesse, ela correria na frente.

